

CNM/CUT discute caças com fabricante e trabalhadores	01
Comitê Municipal de Saúde e Segurança da ArcelorMittal	02
"Fomos vítimas de um golpe de Estado financeiro"	03
"Nossos aliados são os nossos vizinhos"	06

Na França,

CNM/CUT discute caças com fabricante e trabalhadores

Em busca de contrapartidas para os metalúrgicos brasileiros, o secretário de Relações Internacionais da CNM/CUT, Valter Sanches, dialogou com a sindicato FTM-CGT e com a Dassault, fabricante do Rafale, que disputa a licitação do governo para renovação da frota de 36 aviões-caça da FAB.

O **secretário de Relações Internacionais da CNM/CUT, Valter Sanches**, se reuniu na terça-feira (1) com os companheiros da **Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos da França (FTM-CGT)**. O secretário-geral da Federação, **Phillipe Martinez**, foi um dos representantes dos metalúrgicos franceses no encontro. Ele também foi à sede da Dassault para um encontro com a alta direção da empresa.

Na pauta, a licitação para a compra de caças para a Força Aérea Brasileira e os impactos para os trabalhadores brasileiros. A francesa Dassault (caça Rafale) é uma das empresas concorrentes, ao lado da sueca Saab (Gripen) e da estadunidense Boeing (F-18 Super Hornet).



Em 2009 e 2010, encontros com o mesmo objetivo aconteceram entre os metalúrgicos da CUT, trabalhadores suecos e representantes da SAAB, que resultou em um primeiro momento, na criação de um Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da empresa, em São Bernardo do Campo, que inicia as atividades em maio deste ano.

Segundo Sanches, o envolvimento dos trabalhadores para garantir contrapartidas, como criação de empregos e transferência de tecnologia é considerada uma novidade por parte dos metalúrgicos franceses. "Para eles, os sindicatos não tem essa tradição de interferir neste tipo de assunto (a escolha dos caças). Isso soa como uma ajuda na administração da empresa, o que ainda é um tabu para eles", afirmou.

O dirigente da CNM/CUT disse aos representantes da FTM-CGT, que o histórico dos metalúrgicos do ABC, desde a época da criação da Câmara Setorial Auto, leva naturalmente à interferência da categoria. "Os franceses ainda estão um pouco receosos de que, em médio prazo, a transferência de tecnologia e produção possa afetar os empregos no setor aeronáutico francês, uma vez que a Dassault poderia importar do Brasil, assim como já importa peças de diversos países", frisou. No encontro, houve uma explanação sobre o pré-acordo existente entre o sindicato sueco IF Metall e a SAAB neste sentido, que protege os trabalhadores do país de origem da empresa.

Após o encontro, os metalúrgicos franceses se comprometeram a fazer na próxima semana uma divulgação com os trabalhadores de todas as plantas sobre a intenção dos metalúrgicos da CUT de cooperar no tema.

Na sede da fabricante francesa, na quinta-feira (3), Sanches esteve como Diretor Geral, Eric Trapier, o vice-presidente de vendas globais, Jean-Pierre Chabriol, que é responsável pelo projeto para o Brasil, e o vice-presidente de RH, Jean-Jacques Cara.

>>> CNM/CUT discute compra dos caças com fabricante e trabalhadores

Durante a apresentação, os franceses afirmaram as vantagens de uma futura parceria, caso vençam a licitação e que o uso do Rafale faz parte de um projeto de aliança estratégica de defesa entre Brasil e França. “Eles disseram que tem vindo a São Paulo, São Bernardo e São José dos Campos, a procura de parceiros locais para a produção de peças. Também está agendada uma visita à Belo Horizonte no fim deste mês, com o mesmo objetivo”. Sanches diz que a empresa quer aprofundar a parceria com Embraer, que seria uma espécie de segunda linha de montagem do Rafale.

Fábrica – Ao contrário da SAAB, que anunciou a construção de uma fábrica em São Bernardo do Campo, os franceses descartam essa hipótese, não apenas na cidade, mas em qualquer outro lugar do Brasil, devido ao fato de a Embraer já possuir estrutura para a construção.

Até o momento, há apenas uma proposta de construção de um centro de formação de engenharia de eletrônica aeronáutica, em São Bernardo.

Por outro lado, a empresa concordou em discutir - e eventualmente assinar - um Acordo Marco Internacional, que estabelece o compromisso com normas mínimas a serem seguidas, independente de onde estejam instaladas suas filiais.

“Eles dizem ser uma empresa familiar, que já tem as melhores práticas sociais e que considera seus 11 mil trabalhadores (8mil na França) como companheiros”. O secretário da CNM/CUT lembrou os executivos sobre a responsabilidade pelos fornecedores de peças. “Eles concordam que não tem interesse em trabalhar com empresas que não tenham as mesmas práticas.”

A Dassault tem unidades na França e mais quatro plantas nos EUA, das quais apenas uma possui representação sindical. A empresa tem fornecedores em diversos países.

Durante o encontro foi negociada uma reunião com a Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM), juntamente com os sindicatos franceses para a negociação do Acordo Marco Internacional. Caso vença a licitação, o Acordo abre a possibilidade de enquadrar todos os eventuais fornecedores brasileiros.

Comitê Muncial de Saúde e Segurança da ArcelorMittal

Entre 1 e 3 de março, os membros do Comitê participaram de encontro na planta da Acindar, em Villa Constitución, na Argentina. O secretário de Finanças da CNM/CUT, José Wagner de Oliveira é o representante dos trabalhadores da América do Sul no grupo

O Comitê de Saúde e Segurança é formado a partir de uma composição paritária tem representantes dos trabalhadores de várias países. Durante os encontros, este comitê dialoga separadamente com sindicalistas e a gerência da empresa visitada, que passam seus respectivos pontos de vista sobre as questões de saúde e segurança no interior da fábrica.

“Após essa conversa, uma auditoria é realizada dentro da ArcelorMittal para que o comitê possa constatar os relatos e, por fim, o comitê faz um relato das condições às duas partes”, disse o secretário de Finanças e coordenador do setor siderúrgico da CNM/CUT, José Wagner de Oliveira, que é o representante dos trabalhadores da América do Sul no grupo.

Além desta visita à Argentina, o comitê mundial já visitou empresas do grupo ArcelorMittal no Cazaquistão, Brasil, México, República Tcheca, Romênia, Estados Unidos, África do Sul e Ucrânia.

Segundo Wagner, a argentina Acindar apresentou uma boa impressão inicial, mas durante a visita, a auditoria do comitê recomendou algumas melhorias que deverão ser realizadas pela empresa. “Estas sugestões de melhorias sempre ocorrem em todas as visitas realizadas”, afirmou.

Para o representante brasileiro, um diferencial encontrado na Argentina em relação ao Brasil é que logo após a assinatura do acordo em 2008 entre a Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM) e a Corporate ArcelorMittal, é que à época em que o comitê mundial foi criado, recomendou-se a todas as plantas do mundo que também criassem os comitês locais. “Na Argentina isso ocorreu de imediato enquanto nas plantas do Brasil, até hoje ainda não se discute as criações destes comitês”, constatou.

Outro avanço relatado na Argentina, na planta da Acindar, é que a lei de comitê paritário de saúde e segurança da Argentina não prevê que o sindicato possa indicar quem serão os representantes. “Mas um acordo com a empresa permite que o sindicato indique seus delegados que vão representar os trabalhadores no comitê local de saúde e segurança.”

José Wagner acredita as discussões sobre saúde e segurança são mais eficientes no local de trabalho e que os sindicatos deveriam negociar um modelo em que a CIPA pudesse ter indicação do sindicato e funcionar como uma espécie de comitê local de saúde e segurança.

A próxima visita do comitê misto mundial acontece no Brasil, na planta de Tubarão-ES, neste mês. Nos últimos dois anos, esta planta registrou três acidentes fatais. (*Valter Bittencour - Imprensa CNM/CUT*)

Michael Moore:

"Fomos vítimas de um golpe de Estado financeiro"

Discurso proferido por Michael Moore, dia 5 de março, durante manifestação em Madison, Wisconsin, contra o pacote de medidas contra o funcionalismo e o serviço público proposto pelo governador republicano Scott Walker (com cortes de US\$ 1,6 bilhão no orçamento de escolas e governos locais). Intitulada "Os Estados Unidos não estão falidos", a declaração lida por Moore está disponível na íntegra no site do cineasta. Publicamos a seguir a tradução em português:



**Hoje, 400
norte-
americanos têm
a mesma
quantidade de
dinheiro que
metade da
população dos
EUA, somando-
se o dinheiro de
todos**

Os Estados Unidos não estão falidos

Ao contrário do que diz o poder, que quer que vocês desistam das pensões e aposentadorias, que aceitem salários de fome, e voltem para casa em nome do futuro dos netos de vocês, os EUA não estão falidos. Longe disso. Os EUA nadam em dinheiro. O problema é que o dinheiro não chega até vocês, porque foi transferido, no maior assalto da história, dos trabalhadores e consumidores, para os bancos e carteiras dos hiper mega super ricos.

Hoje, 400 norte-americanos têm a mesma quantidade de dinheiro que metade da população dos EUA, somando-se o dinheiro de todos.

Vou repetir. 400 norte-americanos obscenamente ricos, a maior parte dos quais foram beneficiados no 'resgate' de 2008, pago aos bancos, com muitos trilhões de dólares dos contribuintes, têm hoje a mesma quantidade de dinheiro, ações e propriedades que tudo que 155 milhões de norte-americanos conseguiram juntar ao longo da vida, tudo somado. Se dissermos que fomos vítimas de um golpe de estado financeiro, não estamos apenas certos, mas, além disso, também sabemos, no fundo do coração, que estamos certos.

Mas não é fácil dizer isso, e sei por quê. Para nós, admitir que deixamos um pequeno grupo roubar praticamente toda a riqueza que faz andar nossa economia, é o mesmo que admitir que aceitamos, praticamos, a ideia de que, de fato, entregamos sem luta a nossa preciosa democracia à elite endinheirada. Wall Street, os bancos, os 500 da revista Fortune governam hoje essa República – e, até o mês passado, todos nós, o resto, os milhões de norte-americanos, nos sentíamos impotentes, sem saber o que fazer.

Nunca freqüentei universidades. Só estudei até o fim do segundo grau. Mas, quando eu estava na escola, todos tínhamos de estudar um semestre de Economia, para concluir o segundo grau. E ali, naquele semestre, aprendi uma coisa: dinheiro não dá em árvores. O dinheiro aparece quando se produzem coisas e quando temos emprego e salário para comprar coisas de que precisamos. E quanto mais compramos, mais empregos se criam. O dinheiro aparece quando há sistema que oferece boa educação, porque assim aparecem inventores, empresários, artistas, cientistas, pensadores que têm as ideias que ajudam o planeta. E cada nova ideia cria novos empregos, e todos pagam impostos, e o Estado também tem dinheiro. Mas se os mais ricos não pagam os impostos que teriam de pagar por justiça, a coisa toda começa a emperrar e o Estado não funciona. E as escolas não ensinam, nem aparecem os mais brilhantes capazes de criar mais e mais empregos. Se os ricos só usam seu dinheiro para produzir mais dinheiro, se de fato só o usam para eles mesmos, já vimos o que eles fazem: põem-se a jogar feito doidos, apostam, trapaceiam, nos mais alucinados esquemas inventados em Wall Street, e destroem a economia. >>>

>>> "Fomos vítimas de um golpe de Estado financeiro"

A loucura que fizeram em Wall Street custou-nos milhões de empregos. O Estado está arrecadando menos. Todos estamos sofrendo, como efeito do que os ricos fizeram.

Mas os EUA não estão falidos, amigos. Wisconsin não está falido. Repetir que o país está falido é repetir uma Enorme Mentira. As três maiores mentiras da década são: 1) os EUA estão falidos, 2) há armas de destruição em massa no Iraque; e 3) os Packers não ganharão o Super Bowl sem Brett Favre.

A verdade é que há muito dinheiro por aí. MUITO. O caso é que os homens do poder enterraram a riqueza num poço profundo, bem guardado dentro dos muros de suas mansões. Sabem que cometeram crimes para conseguir o que conseguiram e sabem que, mais dia menos dias, vocês vão querer recuperar a parte daquele dinheiro que é de vocês. Então, compraram e pagaram centenas de políticos em todo o país, para conduzirem a jogatina em nome deles. Mas, para o caso de o golpe micar, já cercaram seus condomínios de luxo e mantêm abastecidos, prontos para decolar, os jatos particulares, motor ligado, à espera do dia que, sonham eles, jamais virá. Para ajudar a garantir que aquele dia nunca chegasse, o dia em que os norte-americanos exigiriam que seu país lhes fosse devolvido, os ricos tomaram duas providências bem espertas:

1. Controlam todas as comunicações. Como são donos de praticamente todos os jornais e redes de televisão, espertamente conseguiram convencer muitos norte-americanos mais pobres a comprar a versão deles do Sonho Americano e a eleger os candidatos deles, dos ricos. O Sonho Americano, na versão dos ricos, diz que vocês também, algum dia, poderão ser ricos – aqui é a América, onde tudo pode acontecer, se você insistir e nunca desistir de tentar! Convenientemente para eles, encheram vocês com exemplos convincentes, que mostram como um menino pobre pode enriquecer, como um filho criado sem pai, no Havaí, pode ser presidente, como um rapaz que mal concluiu o ginásio pode virar cineasta de sucesso. E repetirão essas histórias mais e mais, o dia inteiro, até que vocês passem a viver como se nunca, nunca, nunca, precisassem agitar a 'realidade' – porque, sim, você – você, você mesmo! – pode ser rico/presidente/ganhar o Oscar, algum dia!

A mensagem é clara: continuar a viver de cabeça baixa, nariz virado para os trilhos, não sacuda o barco, e vote no partido que protege hoje o rico que você algum dia será.

2. Inventaram um veneno que sabem que vocês jamais quererão provar. É a versão deles da mútua destruição garantida. E quando ameaçaram detonar essa arma de destruição econômica em massa, em setembro de 2008, nós nos assustamos.

Quando a economia e a bolsa de valores entraram em espiral rumo ao poço, e os bancos foram apanhados numa "pirâmide Ponzi" global, Wall Street lançou sua ameaça-chantagem: Ou entregam trilhões de dólares do dinheiro dos contribuintes dos EUA, ou quebramos tudo, a economia toda, até os cacos. Entreguem a grana, ou adeus poupanças. Adeus aposentadorias. Adeus Tesouro dos EUA. Adeus empregos e casas e futuro. Foi de apavorar, mesmo, e nos borramos de medo. "Aqui, aqui! Levem tudo, todo o nosso dinheiro. Não ligamos. Até, se quiserem, imprimimos mais dinheiro, só pra vocês. Levem, levem. Mas, por favor, não nos matem. POR FAVOR!"

Os economistas executivos, nas salas de reunião e nos fundos rolavam de rir. De júbilo. E em três meses lá estavam entregando, eles, uns aos outros, os cheques dos ricos bônus obscenos, maravilhados com o quão perfeita e absolutamente haviam conseguido roubar uma nação de otários. Milhões perderam os empregos: pagaram pela chantagem e, mesmo assim, perderam os empregos, e milhões pagaram pela chantagem e perderam as casas. Mas ninguém saiu às ruas. Não houve revolta.

Até que... COMEÇOU! Em Wisconsin!

Jamais um filho de Michigan teve mais orgulho de dividir um mesmo lago com Wisconsin!

Vocês acordaram o gigante adormecido – a grande multidão de trabalhadores dos EUA. Agora, a terra treme sob os pés dos que caminham e estão avançando!

A mensagem de Wisconsin inspirou gente em todos os 50 estados dos EUA. A mensagem é "Basta! Chega! Basta!" Rejeitamos todos os que nos digam que os EUA estão falidos e falindo. É exatamente o contrário. Somos ricos! Temos talento e ideias e sempre trabalhamos muito e, sim, sim, temos amor. Amor e compaixão por todos os que – e não por culpa deles – são hoje os mais pobres dos pobres. Eles ainda querem o mesmo que nós queremos: Queremos nosso país de volta! Queremos, devolvida a nós, a nossa democracia! Nosso nome limpo. Queremos de volta os Estados Unidos da América. >>>

>>>"Fomos vítimas de um golpe de Estado financeiro"

Não somos, não queremos continuar a ser, os Estados dos Business Unidos da América!

Como fazer acontecer? Ora, estamos fazendo aqui, um pouco, o que o Egito está fazendo lá. E o Egito faz, lá, um pouco do que Madison está fazendo aqui.

E paremos um instante, para lembrar que, na Tunísia, um homem desesperado, que tentava vender frutas na rua, deu a vida, para chamar a atenção do mundo, para que todos vissem como e o quanto um governo de bilionários lá estava, afrontando a liberdade e a moral de toda a humanidade.

Obrigado, Wisconsin. Vocês estão fazendo as pessoas ver que temos agora a última chance de vencer uma ameaça mortal e salvar o que nos resta do que somos.

Vocês estão aqui há três semanas, no frio, dormindo no chão – por mais que custe, vocês fizeram. E não tenham dúvidas: Madison é só o começo. Os escandalosamente ricos, dessa vez, pisaram na bola. Bem poderiam ter ficado satisfeitos só com o dinheiro que roubaram do Tesouro. Bem se poderiam ter saciado só com os empregos que nos roubaram, aos milhões, que exportaram para outros pontos do mundo, onde conseguiam explorar ainda mais, gente mais pobre. Mas não bastou. Tiveram de fazer mais, queriam ganhar mais – mais que todos os ricos do mundo. Tentaram matar a nossa alma. Roubaram a dignidade dos trabalhadores dos EUA. Tentaram nos calar pela humilhação. Nos tiraram a mesa de negociações!

**Não somos, não
queremos
continuar a ser,
os Estados dos
Business
Unidos da
América!**

Recusam-se até a discutir coisas simples como o tamanho das salas de aula, ou o direito de os policiais usarem coletes à prova de balas, ou o direito de os pilotos e comissários de bordo terem algumas poucas horas a mais de descanso, para que trabalhem com mais segurança para todos e possam fazer melhor o próprio trabalho –, trabalho que eles comprem por apenas 19 mil dólares anuais.

Isso é o que ganham os pilotos de linhas curtas, talvez até o piloto que me trouxe hoje a Madison. Contou-me que parou de esperar algum aumento. Que, agora, só pede que lhe deem folgas um pouco maiores, para não ter de dormir no carro entre os turnos de voo no aeroporto O'Hare. A que fundo do poço chegamos!

Os ricos já não se satisfazem com pagar salário de miséria aos pilotos: agora, querem roubar até o sono dos pilotos. Querem humilhar os pilotos, desumanizá-los e esfregar a cara dos pilotos na própria vergonha. Afinal, piloto ou não, ele não passa de mais um sem-teto...

Esse, meus amigos, foi o erro fatal dos Estados dos Business Unidos da América. Ao tentar nos destruir, fizeram nascer um movimento – uma revolta massiva, não violenta, que se alastra pelo país. Sabíamos que, um dia, aquilo teria de acabar. E acabou agora, já começou a acabar.

A mídia não entende o que está acontecendo, muita gente na mídia não entende. Dizem que foram apanhados desprevenidos no Egito, que não previram o que estava por acontecer. Agora, se surpreendem e nada entendem, porque tantas centenas de milhares de pessoas viajam até Madison nas últimas semanas, enfrentando inverno brutal. "O que fazem lá, parados na rua, com vento, com neve?" Afinal... houve eleições em novembro, todos votaram... O que mais podem desejar?!" "Está acontecendo algo em Madison. Que diabo está acontecendo lá? Quem sabe?"

O que está acontecendo é que os EUA não estão falidos. A única coisa que faliu nos EUA foi a bússola moral dos governantes. Viemos para consertar a bússola e assumir o timão para levar o barco, agora, nós mesmos.

Nunca esqueçam: enquanto existir a Constituição, todos são iguais: cada pessoa vale um voto. Isso, aliás, é o que os ricos mais detestam por aqui. Porque, apesar de eles serem os donos do dinheiro e do baralho e da mesa da jogatina, um detalhe eles não conseguem mudar: nós somos muitos e eles são poucos!

Coragem, Madison, força! Não desistam!

Estamos com vocês. O povo, unido, jamais será vencido.

(Tradução: Coletivo Vila Vudu)

“Nossos verdadeiros aliados são os nossos vizinhos”

O atual Alto Representante do Mercosul, Samuel Pinheiro Guimarães, ex-ministro do governo Lula, explica a posição brasileira frente à hegemonia norte-americana e a raiz dos esforços pela integração sul-americana. “Nossos verdadeiros aliados são nossos vizinhos, daqui e de ultramar, com os quais nosso destino político e econômico está definitivamente entrelaçado, e nossos semelhantes, os grandes Estados da periferia”, diz Guimarães. O artigo é de Martín Granovsky.

Martín Granovsky – Página / 12

Se o Departamento de Estado dos EUA confiava em uma fissura cada vez mais importante entre Venezuela e Brasil para recuperar posições na América do Sul, as posições brasileiras parecem desmentir essa ilusão nos fatos e nas ideias. Junto com a queda das exportações brasileiras aos Estados Unidos desapareceu a possibilidade de uma ameaça norte-americana. “Sabem que se quiserem implementá-las, essas sanções seriam ineficazes”, acaba de escrever o diplomata brasileiro Samuel Pinheiro Guimarães. E acrescenta: “Nossos verdadeiros aliados são os vizinhos”.



Pinheiro Guimarães aponta que hoje o Brasil só exporta 17% de sua produção para os Estados Unidos. Essa cifra é que tornaria impossível de cumprir uma eventual represália como a que, recorda o diplomata, Washington empregou em 1987 com as patentes farmacêuticas. Quando Fernando Collor de Mello assumiu como presidente, em 1989, satisfaz em cascata as exigências norte-americanas, que questionavam a Lei da Informática.

O diplomata acaba de escrever algumas reflexões no prefácio ao livro “Relações Brasil-Estados Unidos no contexto da globalização: rivalidade emergente”, do pesquisador Luiz Alberto Moniz Bandeira.

Pinheiro Guimarães foi vice-chanceler do Luiz Inácio Lula da Silva e ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos. Por proposta de Lula, o Mercosul – que, para os EUA, é um “organismo antinorte-americano”, conforme telegrama divulgado por Wikileaks – designou-o em dezembro passado como seu Alto Representante com atribuições de negociar em nome do bloco, propor a formulação de estratégias e articular políticas comuns. O secretário do organismo é o argentino Agustín Colombo Sierra.

A seguir, alguns trechos do texto escrito por Samuel Pinheiro Guimarães:

“Um indicador da crescente hegemonia norte-americana é a ressurreição do Conselho de Segurança das Nações Unidas logo após a posse de Boris Yeltsin e Alexandre Kozirev, que alinharam a política russa à política externa norte-americana. Na prática, este alinhamento redundou na desapareição dos vetos russos, que passaram de um total de 118 no período 1945-1991 para apenas 4 no período 1992-2009. Como resultado, os EUA obtiveram, inclusive sem a oposição da China, apoio para suas ações de punição política, comercial ou militar”.

“Em 1988, os gastos militares norte-americanos eram de 533 bilhões de dólares. Entre 1988 e 2009 registraram um aumento acumulado de 10,376 bilhões de dólares, contra 1,683 bilhões do segundo país em gastos militares, a Rússia”.

“Em 1988, a renda per capita dos oito principais países desenvolvidos (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Itália, Canadá e Austrália) era de 18.000 dólares, e a renda média per capita dos oito principais países subdesenvolvidos (China, Índia, Brasil, Rússia, Indonésia, México, Argentina e África do Sul) era de 1300 dólares. A diferença era, em 1988, de 16.700 dólares. Em 2008, a renda per capita média dos oito países desenvolvidos alcançou os 43.000 dólares e a renda média dos oito principais subdesenvolvidos chegou a 6.000. A diferença aumentou de 16.700 para 37.000”. >>>

>>> “Nossos verdadeiros aliados são os nossos vizinhos”

“Os Estados Unidos possuem a moeda de reserva e de uso internacional, o dólar, e são, sem dúvida, para os grandes capitalistas – quer se trate de megaempresas, megabancos, megafundos ou indivíduos de alta renda – o centro do sistema capitalista internacional e seu baluarte. Estes sucessos norte-americanos encontram-se, na verdade, entrelaçados. A elite norte-americana está absolutamente convencida de que tudo o que ocorre em todos os países que integram o sistema internacional é de interesse para sua sociedade e para sua sobrevivência”.

“O Brasil atravessa um momento de sua história onde as classes populares, conduzidas pelo Partido dos Trabalhadores e pelos partidos progressistas sob a liderança do presidente Lula, iniciaram um processo de transformação econômica, política e social para construir uma sociedade democrática de massas. Todavia, diferentemente dos Estados Unidos, o Brasil é um país subdesenvolvido e está na periferia do sistema internacional”.

“O Brasil vive um momento de transformação na natureza da inserção de sua sociedade e de seu Estado no sistema internacional. A estrutura do comércio exterior se alterou, reduzindo muitíssimo a dependência da economia brasileira não somente em relação a terceiros mercados como também em relação a produtos específicos. Os fluxos de investimento direto estrangeiro se diversificaram, com um aumento significativo da participação de capitais de novas origens. O Brasil passou de devedor a credor internacional, acumulando reservas de quase 300 bilhões de dólares, maiores que as da França, Inglaterra e Alemanha. O Brasil passou a exportar capitais por meio de empréstimos e investimentos diretos de empresas brasileiras no exterior”.

“O presidente José Sarney assumiu a presidência em um momento delicado da política brasileira, e foi capaz de conduzir a transição de um regime autoritários para um regime democrático em meio a uma pertinaz crise econômica. Garantiu a liberdade de imprensa, iniciou um processo de firme aproximação com a Argentina, base do futuro Mercosul, resistiu às pressões para adotar medidas arbitrárias, convocou a Assembleia Constituinte, promulgou a Constituição de 1988 e enfrentou, com serenidade, uma campanha eleitoral de grande violência verbal contra ele e sua família. Desempenhou um papel fundamental na transição democrática e apoiou programas estratégicos vitais para o Brasil, como os programas nuclear, espacial e cibernético. Ao resistir às pressões norte-americanas para dismantelar esses programas contrariou poderosos interesses econômicos e políticos, nacionais e estrangeiros. Talvez seja essa a razão do antagonismo sistemático que é dirigido contra sua pessoa por setores dos grandes meios de comunicação” (Nota do autor: Sarney é o presidente do Senado, resultado de um acordo com o PT).

“Vivemos o momento em que se desenvolve a estratégia de transformar a inserção – política, econômica e tecnológica – no mundo por meio de uma nova ação do Brasil na América do Sul, na África, no Oriente Próximo e nos organismos internacionais, frente às grandes potências e na conquista da autonomia em relação ao Fundo Monetário Internacional”.

“É necessário, prudente e proveitoso manter as melhores relações com as grandes potências, devido a sua importância no mundo em geral e para o Brasil em particular, mas fundamo-nos nos princípios de igualdade soberana, reciprocidade, não intervenção e autodeterminação, sem perder de vista que os interesses nacionais brasileiros, que são os de um país subdesenvolvido, apesar de seu extraordinário potencial, não são idênticos aos interesses nacionais de cada uma das grandes potências em geral e, muito menos, aos interesses da maior potência mundial, os Estados Unidos”.

“(Desenvolvemos) uma política altiva, ativa, soberana, não intervencionista, não impositiva, não hegemônica, que luta pela paz e pela cooperação política, econômica e social, em especial com os países vizinhos e irmãos sul-americanos, começando pelos países sócios do Brasil no Mercosul, um destino comum que nos une, com os países da costa ocidental da África, também nossos vizinhos, e com países semelhantes: com megapopulações, mega-territoriais, mega-diversos, mega-ambientais, megaenergéticos, megasubdesenvolvidos, mega-desiguais. **Nossos verdadeiros aliados são nossos vizinhos, daqui e de ultramar, com os quais nosso destino político e econômico está definitivamente entrelaçado, e nossos semelhantes, os grandes Estados da periferia.** (Carta Maior, 07.03.2011)